

Projeto Brasil

Alternativas
para
o século
XXI

MARCELLO ROLLEMBERG
é jornalista e diretor da
Divisão de Mídias
Impressas da CCS-USP.

Marcello Rollemberg: Estamos reunidos hoje para fazer uma reflexão sobre o futuro do Brasil. O encontro desta tarde tem como tema o projeto alternativo para o século XXI. Este evento é organizado pela *Revista USP* e pela TV-USP, órgãos da CCS (Coordenadoria de Comunicação Social da USP). O material deste encontro comporá o dossiê número 47 da *Revista USP*. Cada expositor presente aqui terá quinze minutos para colocar seu ponto de vista quanto ao tema, sendo aberto o debate em seguida. Estão conosco o professor Fernando de Castro Reinach, do Instituto de Química da USP, o professor Francisco de Oliveira, do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP, a professora Ana Mae Barbosa, do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da USP, que tem livros publicados sobre arte-educação, e o professor Oliveiros S. Ferreira, professor doutor em Ciências Sociais e livre-docente em Ciências Políticas da USP, com diversos livros publicados. Para começar o nosso encontro dou a palavra ao professor Fernando Reinach para que ele possa expor suas idéias sobre esse Projeto Brasil: Alternativas para o Século XXI.

Fernando Reinach: muita pretensão querer falar uma coisa muito geral sobre o que eu acho que vai acontecer no Brasil no século XXI; acho que o resto das pessoas aqui tem muito mais o que falar. O que eu queria comentar um pouco é uma coisa mais específica na minha área, esse campo da biotecnologia, o que está acontecendo, o que vai acontecer e, nesse contexto, queria dividir o que vou falar em três partes: na primeira parte vou contar um pouco a história do Projeto Genoma no Brasil, um projeto que a gente desenvolve desde 1997; depois, numa segunda parte, vou tentar mostrar que isso nos colocou numa posição superprivilegiada no mundo em termos competitivos, o que nos abre uma perspectiva; no terceiro ponto vou tentar mostrar que apesar de a gente ter essa perspectiva enorme pela frente a chance de não conseguirmos fazer nada dessa oportunidade é relativamente grande, e daí a minha preocupação com o que vai acontecer na universidade no Brasil nos próximos anos.



FERNANDO DE CASTRO REINACH

é professor do Instituto de Química da USP, professor visitante do Cornell University Medical College, ex-secretário de Desenvolvimento Científico do Ministério da Ciência e Tecnologia e coordenador dos Projetos Genoma *Xylella fastidiosa* e *Xanthomonas citri*.

Com o Projeto Genoma ficou possível, da década de 80 para cá, você determinar a seqüência de DNA, toda informação de um organismo, então, toda informação genética de um organismo é possível você determinar. O grande projeto nessa área é o Projeto Genoma Humano, que se trata da nossa própria informação. Essa tecnologia de determinar a seqüência de DNA é um trabalho extremamente cansativo, tedioso, difícil de fazer e extremamente caro. E, em 1997, eu já trabalhava na Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e a gente resolveu organizar um Projeto Genoma no Brasil com a função de primeiro trazer a tecnologia pra cá, permitir que um monte de gente fosse treinado. Houve uma discussão grande, pois o primeiro genoma, que era humano, já estava tomado, todos os outros genomas importantes, que eram os genomas das bactérias e dos vírus que causam as doenças humanas, também estavam sendo seqüenciados pelas multinacionais e, naquela época, a gente identificou no Brasil a possibilidade de fazer um genoma pequeno mas que permitiria desenvolver essa tecnologia para uma coisa específica do Brasil. A partir disso identificamos uma área de bactérias que causam doenças em plantas. Essa biotecnologia de plantas trata-se de uma coisa importante para o Brasil, porque a gente tem uma área agrícola enorme e a tecnologia agrícola é muito específica do país, ao contrário, por exemplo, do desenvolvimento de uma insulina, pois todo mundo toma insulina, seja americano ou não. A biotecnologia de plantas, sendo muito específica para cada área do planeta, significa, então, que a agricultura tropical será muito diferente da do Hemisfério Norte, e a gente identificou no estado de São Paulo uma doença que era esse amarelinho da laranja, e como a laranja

é um negócio muito importante na economia do estado de São Paulo, os plantadores de laranja resolveram colocar dinheiro no projeto, um projeto de integração entre a universidade e um pouco do setor produtivo. Na verdade colocaram muito menos do que deveriam, e fizeram muita publicidade, mas trata-se do primeiro projeto importante de colaboração e que tem rendido muitos frutos. E a Fapesp também colocou dinheiro, grande parte do dinheiro aliás, e o projeto no total custou mais ou menos 15 milhões de dólares nos três anos em que foi executado. O genoma é algo extremamente repetitivo, igualzinho, ATCGA, ATCG, ou seja, um polímero enorme, e você tem que determinar essa seqüência. Então, para isso, precisa-se dividir o trabalho e treinar um grupo enorme. Na época, a estratégia adotada foi criar um instituto virtual em vez de se construir um prédio e botar todo mundo lá dentro. Na mesma época em que a gente começou, a Índia lançou também um Projeto Genoma, mas, ao contrário de nós, decidiram construir um prédio em uma universidade e colocar todo mundo lá dentro. O curioso é que quando acabamos o projeto, três anos depois, a Índia ainda não havia decidido onde pôr o prédio. A briga entre as universidades era tão grande que acabaram desistindo do projeto.

No nosso caso montamos, através da Internet, esse laboratório virtual, unindo três universidades, 30 grupos de pesquisas em que cada um começou a seqüenciar um pedacinho. Tínhamos um website enorme na Universidade de Campinas, e todos os dados iam toda noite para lá, eram processados à noite, e esse modelo de laboratório virtual com essa maneira de seqüenciar foi o primeiro exemplo do mundo. O fato é que tínhamos um grupo grande de pessoas e,



nesse sentido, o número de Ph.Ds. por base seqüenciada era muito maior do que o de qualquer competidor estrangeiro, onde se põe muito pessoal técnico. A massa cerebral envolvida no nosso projeto era tão grande, treinou-se tanta gente, que o trabalho final, publicado este ano, tem cento e tantos autores, desde aluno de iniciação até professor titular. O impressionante é que nesses três anos a gente acabou sendo o primeiro grupo no mundo a seqüenciar um patógeno de planta. Os patógenos de plantas têm um impacto enorme na agricultura, causam um monte de prejuízo, e nós fomos os primeiros. Só existem dez grupos no mundo capazes de seqüenciar um genoma, e só um seqüenciou um patógeno de planta, ou seja, que entende da coisa de patógeno de planta, o grupo brasileiro. Além de toda a euforia, de todo mundo ter ficado muito feliz, o governador dando medalha e tudo o mais, o fato é que isso colocou a gente no centro do palco dessa história de genoma, pelo menos naquela área específica de patologia de planta, e criou uma pressão violenta, primeiro uma expectativa mundial de que a gente irá dominar essa área. Com esse intuito, então, estamos fazendo outros projetos. O segundo patógeno de planta vai ser feito aqui no Brasil também, e, aliás, está sendo terminado agora, pois tivemos uma demanda enorme de *venture capital* querendo investir no grupo, empresas querendo colocar dinheiro, transformar aquilo numa empresa maior, realmente de-

envolver produtos a partir daquela informação, com valor comercial. De fato fomos literalmente assediados logo depois, então isso criou uma oportunidade única para um grupo de docentes das três universidades paulistas, o que demonstrou, primeiro, que você tem competência instalada para fazer uma coisa grande em nível mundial, tem a gente, tem a Fapesp, uma organização muito boa, e você tem gente no país para fazer e, depois, abriu um número enorme de portas. Mas é uma área extremamente competitiva: uma Dupont, uma Monsanto, grandes universidades americanas, etc., todas estão investindo bilhões de dólares nessa área agora. Somos o líder, mas como é que a gente faz para ficar na frente?

Ao mesmo tempo, por exemplo, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos contactou a gente. Eles têm uma bactéria parecida com a nossa que está acabando com as árvores de uva na Califórnia, então estão muito preocupados. Contrataram a gente para seqüenciar a uva, deu uma polêmica nos Estados Unidos mas nós ganhamos o contrato e já estamos fazendo. Então, de repente, você é líder, e agora para manter a liderança? Daí que entra o problema do subdesenvolvimento e de como é que você faz isso. Então têm duas possibilidades: ou a gente consegue manter essa liderança, e consegue passar isso para o setor produtivo, gerar bens, criar riquezas, progresso, de alguma forma beneficiar o país, ou a gente vai ser um sonho de verão, durante cinco ou seis anos fomos maravilhosos, mas os americanos passam por cima da gente, só nos restando daqui a alguns anos nos reunir para lembrar aquela época bacana em que éramos líder.

Agora, por que acho que as coisas não vão para frente? Acho que as chances de





não ir para a frente são muito grandes primeiro porque existe uma inflexibilidade da universidade para lidar com o sucesso, e uma incapacidade de ser flexível e rápida. A gente precisa contratar gente, e para isso é preciso dinheiro, os americanos dão o dinheiro, mesmo assim a universidade se nega; eu quero contratar um profissional de informática num departamento de bioquímica, mas a universidade se nega, porque não tem concurso, porque não sei o quê e tal. Depois, existe um fluxo de *venture capital*, firmas de *venture capital* americanas que chegam para mim e dizem querer colocar 10, 20 milhões de dólares no projeto. “Como é que faz?” – me perguntam. E eu respondo: “Ah, não sei, tem que fazer um convênio..., aprovar no Conselho Universitário..., vamos ver..., como é que remunera..., precisa contratar gente e não pode...” Então, acho que o que foi interessante nesse projeto foi ele trazer à tona um monte de problemas muito sérios, estruturais da universidade e do equipamento de pesquisa nacional, e que se não forem resolvidos, vai ser um sonho de verão. E acho que as chances de eles serem resolvidos são muito pequenas, porque são problemas muito estruturais do Brasil, e isso é preocupante. Agora, esses problemas sempre existiram na cabeça da gente, a gente conhece, todo mundo que vive na universidade conhece esses problemas, mas sempre que eles são levantados na universidade, vêm junto com um certo complexo de inferioridade. Você fala: “bom, esse troço está meio travado, mas a gente também é ruim, a gente não faz nada”. Então fica aquela coisa. Acho que o sucesso do projeto mostrou que, se a gente não resolver esses problemas, enterramos uma oportunidade única. Era isso o que eu queria acrescentar ao debate sobre o que vai acontecer nos

próximos anos. A gente vai conseguir superar essas coisas? Vai conseguir ter mais agilidade? Conseguiremos desemperrar essa máquina toda, ou a gente vai constatar daqui a alguns anos que realmente foi um esforço bacana, vamos contar para os netos, mas vai ficar por isso mesmo?

Marcello Rollemberg: Eu queria agradecer ao professor Fernando Reinach e informar que, infelizmente, ele não vai poder continuar conosco e não participará do debate. E agora vamos ouvir o professor Francisco de Oliveira.

Francisco de Oliveira: Eu vou trabalhar um pouco o tempo que me cabe as questões que vão ser candentes, vão ser importantes dentro de uma perspectiva razoável da próxima década, evidentemente num nível de generalidade muito alto. Então eu acho que a próxima década vai ser marcada, de forma muito forte, pela herança dos últimos dez anos, do que se passou e o que está se passando na década de 90. Na década de 90 assistiu-se não propriamente à desmontagem, mas a uma espécie de agonia do Estado desenvolvimentista, que foi a tônica e a estrutura pela qual se deu a industrialização brasileira, desde os anos 30, mas basicamente desde a Segunda Guerra Mundial, marcada por essa forte participação do Estado na regulação da economia. O Estado funcionando como a cavalaria do desenvolvimento, e não só isso, mas tam-



bém fornecendo recursos fundamentais para o crescimento econômico. Essa fase, que o atual presidente chama de era Vargas, ela tem um fim, conhece sua agonia já no princípio da década de 90 com o governo Collor, basicamente porque os mecanismos de proteção ao chamado mercado interno são desmontados.

A economia brasileira sofre um impacto muito forte porque ninguém tinha mais experiência do que era uma economia sem essas defesas, quer dizer, nem o Estado tinha essas defesas, por isso não logrou até hoje nenhuma política consistente de novas diretrizes; usa um pouco o argumento liberal mas na verdade esse argumento liberal é uma falsificação da inércia e nem o empresariado sabia mais como se mover em um mundo sem os biombos, na verdade eram mais que biombos, eram *bunkers* de defesa do mercado interno; e também os trabalhadores, porque de alguma maneira esse *bunker* protegia e regulava certo mercado de trabalho. Quer dizer, isso foi uma novidade, uma novidade que tem algumas vantagens mas imediatamente apresentou mais desvantagens do que vantagens. A isto seguiu-se simultaneamente com ele – de certa maneira como uma irmã siamesa nesse processo – toda a desregulamentação em outros setores em que a atividade do Estado era importante, era estruturadora, uma espécie de desmonte e desmanche da atividade estatal e de instituições estatais das quais a privatização das empresas estatais é o fato mais marcante, que ficou mais visível e mais ostensivo. Isto significou também que a estruturação do social, em paralelo com a da economia, também sofreu um forte impacto das chamadas reformas cujo objetivo é, segundo o ideário que todo mundo está chamando – e por isso eu também vou

chamar – neoliberal que na verdade, do ponto de vista doutrinário, tem pouco parentesco com a teoria liberal clássica, mas isso o professor Oliveiros é mais ...

Oliveiros S. Ferreira: Por isso que é neo.

Francisco de Oliveira: Isso é um campo que ele domina perfeitamente e o nosso encontro pode beneficiar-se disso. De qualquer maneira é chamado neoliberal, é assim que eu vou chamá-lo porque nós não estamos aqui fazendo um debate para iniciados, mas um debate com um objetivo mais amplo. Esse caráter chamado neoliberal desestruturou a forma pela qual vinha se constituindo um social no Brasil, não uma sociedade porque uma sociedade existe há muito tempo. A forma do social moderno nasceu na verdade a partir do pós-Segunda Guerra Mundial, que é aquilo que a literatura em geral chama de Estado do bem-estar. Esse social intrinsecamente ligado a essas formas de regulação estatal não estava completado no Brasil, ficou sempre aquém, ficou sempre a meio caminho, mas de qualquer maneira não só efetivamente cobria uma certa parte do social como, de outro lado, servia de paradigma organizador dos setores da sociedade que não estavam diretamente cobertos pelo novo sistema do social. Esses são os dois grandes impactos no Brasil herdados da década de 90.

Essa herança vai ficar e vai marcar a próxima década e, ao meu modo de ver, embora os historiadores em geral não gostem desses termos, não gostem dessa abordagem, traz a sensação de uma espécie de compactação do tempo, algo que a literatura está chamando de aceleração da aceleração. Há uma compactação, há uma velocidade na transformação, que tem por resultado desestruturar completamente o sistema

FRANCISCO DE OLIVEIRA

é professor aposentado do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP e diretor do Centro de Estudos da Cidadania da mesma faculdade.





político, quer dizer, o sistema político não tem capacidade para processar mudanças nessa velocidade, e por isso o marcante da última década que se projetará para a próxima é uma espécie de incapacidade do Estado de exercer o monopólio legal da violência.

É visível até na superfície dos fenômenos que estão atravessando a sociedade brasileira que a violência voltou em grande medida ao domínio do privado. O Estado, a intensidade das modificações, a compactação de tempo, a densidade das transferências de poder real dentro da sociedade... Basta dizer que com as privatizações cerca de 30% do patrimônio burguês no Brasil transitou de mãos. Se fizermos as contas pelo que foi privatizado e transferido para a propriedade privada teremos uma medida desse impacto. Não há muitas sociedades que resistam a essa transferência de poder, rápida, poderosa e em muito pouco tempo, e isso afeta sem dúvida nenhuma as estruturas estatais, a capacidade do Estado de controlar a violência privada, e portanto temos um cenário imediatamente e, durante algum tempo, de total desorganização.

Essa é a perspectiva mais visível nos próximos anos, de modo que, para o futuro, a tarefa mais urgente de parte da sociedade como de parte do Estado – mas como isso se fará é um enigma ainda pouco perceptível – será reconstituir uma certa tessitura e também uma certa ossatura de relações de sociabilidade capazes de tornar de novo previsível a ação humana e, por consequência, também a ação estatal. A consequência maior dessa desorganização que se projeta para o futuro mais imediato é que nós estamos no reino da quase total imprevisibilidade e sem previsibilidade as chances de controle da violência privada são pequenas. Sem previsibilidade, a ação estatal perde-se e per-

der-se-á num *ad hoc* constante e numa espécie de remendo constante de que as medidas provisórias são um melhor exemplo. O governo perdeu realmente a capacidade de prever, de modo que eles tiram uma medida provisória hoje para regular um certo problema, e depois de amanhã estão refazendo a mesma medida provisória porque o que se perdeu é o horizonte da previsão. Nesse sentido, a tarefa mais crucial, mais desafiadora dos próximos anos vai ser reconstruir, construir novas relações que possam finalmente, para dizer de forma civilizada, conduzir a vida social a padrões de relações civilizadas e urbanas.

Marcello Rollemberg: Obrigado, professor Francisco de Oliveira, que colocou pontos muito sérios, muito importantes e que certamente voltarão a ser abordados no segundo bloco do nosso encontro. Agora, dando continuidade a este encontro, vamos ouvir a professora Ana Mae.

Ana Mae Barbosa: É, realmente o futuro depende do hoje. Que educação temos hoje? Eu acho que há uma preocupação enorme do governo por educação, mas essa preocupação está se mostrando uma preocupação principalmente de controle. Vejam bem, é só vocês examinarem as manchetes de jornais para verem que a educação tem tido um enorme espaço nos jornais mas principalmente em função do provão. O provão é o controle do governo sobre as universidades, um suposto controle.

Acho que realmente precisamos de avaliação na universidade mas o provão só não é uma avaliação, aliás, fala-se muito curiosamente que este provão foi criado porque se acreditava que as universidades federais, as universidades gratuitas estavam falidas e que eram as universidades priva-



das que estavam sendo mais produtivas. Acontece que o provão mostrou que não é verdade e que a maior e a melhor produção está ainda nas universidades públicas. Um outro instrumento de controle é o Enem, para controlar o ensino médio. E, por fim, os parâmetros curriculares que servem para controlar o resto, ou seja, o ensino fundamental, o ensino básico. É curioso que esses parâmetros curriculares são uma medida criada no bojo daquilo que eu tomo a liberdade de chamar também de neoliberalismo, e deixamos para o nosso colega Oliveiros que explique melhor o que é isso ou o que não é isso. Mas em linguagem corrente chamado neoliberalismo. Começa com o governo de Margaret Thatcher e, na Inglaterra, se determinou um currículo geral para todo o país. Quando se fala em currículo não significa que o aluno que está estudando especificamente história numa cidade esteja na mesma classe e na mesma série se estudando em outra cidade; não é bem isso, são linhas gerais para determinar o currículo da nação, currículo nacional.

A maior parte dos países tem adotado isso, mundialmente, exceto o Canadá. É muito curioso porque vai dar uma pesquisa muito boa para o futuro próximo, pois já está se demonstrando que o Canadá tem uma educação muito superior, por exemplo, à dos Estados Unidos. Vai ser muito interessante fazer uma comparação depois: aqueles todos que nos submetemos aos famosos currículos nacionais, e o Canadá,

que continua insistindo que não é um currículo nacional que vai desenvolver a educação de seu país, mas principalmente investimento na educação, em salário de professor, em preparação de professor e assistência aos alunos, às famílias dos alunos e a colaboração da comunidade. Eu acho que a colaboração da comunidade é um elemento fundamental para a recuperação da educação neste país. Quando falo de colaboração da comunidade não estou falando nesse projeto Amigos da Escola. Esse projeto é mais uma exploração do pobre, pois os trabalhadores vão para a escola trabalhar para melhorar a escola de seus filhos sem nenhum pagamento e não têm poder de decisão. Acho que colaboração de comunidade significa poder de decisão também. Então, que os pais vão para a escola, trabalhar na escola, consertar móveis, etc., mas eles também têm o direito de decidir que currículo o seu filho vai estudar, isso em comunidade, em diálogo com o diretor da escola, com os professores e até, inclusive, como eu conheço várias experiências em outros países, escolher os professores que vão ensinar na escola de seu filho. É isso o que eu chamo colaboração comunitária.

Uma sinalização para o que pode vir a ser importante para a educação no futuro está sendo dada pelas ONGs. Não estou dizendo que todas as ONGs são excepcionais, acho até que as ONGs deveriam promover entre elas um processo de avaliação, porque há ONGs que apenas são

ANA MAE BARBOSA é professora aposentada do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP, com vários livros publicados sobre arte e arte-educação, é professora visitante da Ohio State University, ex-diretora do MAC-USP e ex-presidente da International Society of Education Through Art (Insea).





repassadoras de dinheiro do Estado. Mas há as que fazem um trabalho realmente de comunidade, e essas estão mostrando à escola o modelo, estão mostrando que essa escola do aluno sentado um atrás do outro está falida, que o próprio modelo visual se esgotou. Existem ONGs que têm tido muito sucesso na educação de crianças abandonadas, inclusive recuperando-as e colocando-as na escola, o que gera um problema, porque a escola a que essa criança vai é uma escola que não tem a mesma flexibilidade da educação que as ONGs estão promovendo, e aí cria-se um conflito. O fato é que todas essas ONGs que estão recuperando crianças abandonadas, que estão recuperando adolescentes marginalizados, que estão recuperando adultos desempregados, todas elas têm trabalhado fundamentalmente com uma coisa: arte. Não me perguntem por que arte é regeneradora social, preciso de muita pesquisa para saber isso, e o montante de verba para pesquisa em arte é millesimamente menor do que o montante que se destina à pesquisa em ciências em todo o mundo, não só no Brasil.

Mas precisa a pesquisa para saber o porquê. Por que arte é regeneradora social? Porque através da arte você chega mais próximo ao desejo de aprendizagem de alguém. Por que você flexibiliza alguém para aprender trabalhando principalmente com arte? Para as artes visuais eu tenho uma explicação: porque o mundo em que vivemos é um mundo fundamentalmente visual, e nós não estamos preparados para aprender através da imagem. Há uma necessidade de alfabetização visual para que a gente possa aí extrair mais conhecimentos da imagem. A imagem é prioritária, e num país em que se ganha eleição através da televisão, a leitura da imagem é prioritária.

Ontem eu estava vendo um programa

eleitoral do segundo turno da prefeitura de São Paulo, e vendo a mensagem que é enviada pelos programadores de vídeo da propaganda eleitoral. Você tem um candidato do partido..., eu não queria dizer nomes aqui, mas vou dizer nomes: o candidato Paulo Maluf, por exemplo, tem atrás dele um painel de formas rígidas, retas, verticais, ele é todo geometrizado. O que isso passa para o espectador? A idéia que ele é racional, que ele trabalha só com o raciocínio, que ele é organizado. Uma organização vertical, com uma pequena quebra, que é muito curiosa, pois para mim diz uma coisa, apesar, talvez, de eles pensarem que diga outra. Enfim, há um quadrado ao lado dele, que significa muito, e que eu acho que escapou aos seus videastas, essa idéia do quadrado, do conformado à idéia dominante, conformado às idéias hegemônicas, conformado ao conservadorismo. E de outro lado nós temos a Marta Suplicy. O que tem atrás da Marta? Tem verde, são folhas, ela está à frente de um jardim. O que está dizendo aquilo? Está dizendo uma coisa muito curiosa: primeiro um certo compromisso com a ecologia, com a natureza, com o que é natural num ser humano, e também a idéia de abertura, porque é uma janela, uma espécie de janela aberta. Aberta para quê? A sua imaginação vai atribuir significado a essa abertura. Que abertura será essa?

Então acho que é muito importante a alfabetização visual, e é isso que as ONGs estão fazendo, e é importantíssimo que a educação, que a escola aprenda, com as ONGs, que a arte é um caminho de auto-identificação do indivíduo, de leitura de mundo para o indivíduo, de trabalho em colaboração também. A TV, por exemplo, eu acho que pode ser arte, não necessariamente arte, mas pode ser quando é de alta



qualidade estética. O que a gente vê aqui? Eu estou aqui olhando para vários jovens, alunos da ECA trabalhando em conjunto. Se um falhar, se ferra o programa. Então também é, é trabalhar em grupo, trabalhar apoiando, se apoiando uns aos outros.

Um problema muito sério é que a maioria das pessoas tem a idéia de que arte é quadro para combinar com sofá, e não é disso que a gente está tratando, mas de uma outra linguagem, diferente da linguagem discursiva, essa que eu estou usando agora, diferente da linguagem científica, da qual o Fernando falou. É a linguagem presentacional, ela se apresenta para você, e dessa presença, desse objeto que se apresenta a você, você vai extrair significados. Ela inclusive é mais flexível do ponto de vista da organização. Enquanto a leitura da palavra acontece da esquerda para a direita, aqui no mundo ocidental, ou da direita para a esquerda, no mundo oriental, na linguagem da arte você pode começar a ler o objeto – estou falando sempre da linguagem visual – de onde o seu olho se aproxima, de onde o seu olho enfoca. Aí você pode começar a leitura e reorganizar os significados que estão implícitos naquele objeto, naquela imagem. Por isso acho que o grande perigo é o não entendimento de que a arte é construção de conhecimento em linguagem presentacional, o que está levando a se excluir arte do currículo e colocar, por exemplo, computação. A computação é outro elemento essencial para se operar no

mundo futuro, mas não é um substituto da arte. A computação tem que estar na escola em todo momento, em todas as disciplinas. Na época do modernismo se usava arte nas escolas para desenvolver a criatividade, era o deixar fazer, jogava-se, dava-se lápis, papel e tinta e a criança e o adolescente iam tirar de dentro seus problemas. Essa conquista foi importante, a conquista da expressão, mas com o pós-modernismo conquistamos uma outra área que é a área do ver, que é tão importante quanto o fazer. Você cria ao ver da mesma maneira que você cria ao fazer porque ao ver você atribui significados, e a criação de significados é processo inventivo também. Portanto, essa mudança de metodologia de ensino da arte veio abrir novos caminhos para a educação, para o inter-relacionamento com outras disciplinas, etc. O grande problema que eu vejo é que, estando sendo eliminada a arte, elimina-se essa possibilidade de aprendizagem de alfabetização visual. E qual é a outra possibilidade de aprender a decodificar o visual que esse aluno de classe pobre vai ter? O lugar que ele vai ter é na escola, então que se trabalhe com computação em todas as disciplinas. Como criatividade não era específico e nunca foi específico das artes, pois todas as outras áreas deveriam trabalhar com criatividade, da mesma maneira a computação não é específico de um momento em sala de aula. Ela tem que ser trabalhada junto com a arte, com ciência, com português, enfim, com todas as disciplinas. Isolá-la é menosprezá-la. O ideal é que cada aluno tivesse o seu computador na sua mesa.

Marcello Rollemberg: Agora, para finalizar essa primeira parte de nosso encontro, vamos ouvir o professor Oliveiros Ferreira, que acho que talvez possa até nos



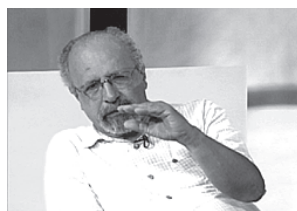


OLIVEIROS S. FERREIRA é professor de Ciências Sociais e de Ciência Política do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP.

explicar o que é esse neoliberalismo de que tanto se fala.

Oliveiros S. Ferreira: Eu diria que não tenho absolutamente nada a ver com isso, sempre detestei a expressão neo. Se o programa quer cuidar da perspectiva para os próximos anos, eu direi que o importante é nós termos presente que o sistema internacional sofreu uma mudança extraordinária, não apenas com a queda do império soviético e com, digamos assim, a introdução do modelo não-estatal de economia, mas também com o surgimento de uma única potência dominando o cenário mundial, essa única potência são os Estados Unidos, uma megapotência. Isso coloca o Brasil, como coloca todos os países em desenvolvimento, países em fase igual de desenvolvimento, numa situação extremamente delicada, determinada, de um lado, pela posição geográfica, pois o Brasil, queira ou não queira, está no Hemisfério Ocidental, é, digamos assim, geopoliticamente ligado aos Estados Unidos, e, de outro lado, como dizia o Francisco há pouco, pelo que ocorreu na década dos 90, mas que a rigor deve ter tido a sua origem no fim dos anos 70. O Brasil não tem condições, digamos assim, de optar, de fazer a sua própria política. O que vai acontecer nos próximos anos, se a gente pode ser oráculo, é que, do ponto de vista interno, existe a grande possibilidade de nós perdermos mais uma vez o bonde da história, quer dizer, a rigidez burocrática com que se trata os fenômenos de descoberta científica, como foi colocado aqui há pouco tempo, mostra que o Estado brasileiro, embora tenha chegado à situação que o Francisco retratou muito bem, que é uma situação que eu diria, avançando um pouco mais, de anomia, o Estado está realmente desaparecendo, a sociedade

está aqui e o Estado está do lado de lá, não está mais recobrando a sociedade, ele está de fora, esse Estado perdeu as condições, não enquanto Estado, mas pelos governos, de tentar, num campo em que o investimento não era demasiado e que o sacrifício social imposto à população não seria desastroso, ombrear com as potências em algum nível científico. Eu quero me referir especificamente ao fato de nós termos, sem nenhuma necessidade técnica, assinado o tratado de não-proliferação nuclear, que, no fundo, como se dizia nos governos anteriores, desde o governo João Goulart até o governo Costa e Silva em 1968, que era o congelamento do poder mundial. Nós assinamos esse tratado quando a não-produção da bomba e todo o desenvolvimento da pesquisa científica no campo atômico estavam atrelados ao acordo feito com a Argentina, que criou uma associação brasileiro-argentina e firmou um acordo com a agência internacional de energia atômica. Ou seja, de vontade própria, perdemos a oportunidade de investir num campo que poderia nos colocar num patamar melhor de um campo da pesquisa científica. Nós ouvimos sobre o destino que espera o Projeto Genoma, que é possível que desapareça porque não será possível contratar um especialista pelo fato de a Constituição estabelecer que a contratação de professores, de qualquer funcionário público deve obedecer a tais e tais critérios, e aí do diretor de entidade pública que desobedece a





esses critérios, pois será submetido a um processo por parte do Ministério Público.

Um clima em que o governo descure das oportunidades de ombrear com a pesquisa científica, a um nível médio no mundo desenvolvido, um clima em que as regras burocráticas são de tal ordem rígidas que impedem o desenvolvimento científico, um clima em que o Ministério Público de repente se vê, ou pelo menos eu o vejo como o procurador-geral do terror de Robespierre, um clima em que, se eu der um passo em falso enquanto administrador público, terei um processo, um inquérito civil público, depois serei declarado incapaz de exercer meus direitos políticos durante não sei quantos anos, além de ter de pagar tudo o que a organização pagou para o funcionário. Isso tudo configura um outro clima, que é o clima que eu sempre venho chamando de ética absoluta, e nós estamos nos pautando por ela. Se a ética absoluta persistir – isto é, ninguém pode se afastar do mínimo estrito, ninguém pode violar o sexto mandamento, ninguém pode violar o oitavo mandamento, o quarto e o quinto a gente pode violar, mas o sexto e o oitavo não é possível violar –, se nós continuarmos com essa rigidez mental, se continuarmos com a rigidez burocrática nós vamos simplesmente parar. Mas não que o Brasil vá parar, vai parar a idéia do Brasil enquanto potência média emergente, porque nós não temos mais as condições de emergir, nós estamos, digamos assim, com alguns quilos

de cimento nos nossos pés no fundo mar e não podemos subir. E isto levará a que essa transferência de ativos, a que se referiu Francisco de Oliveira, faça com que o setor privado progrida tranqüilamente, e ao mesmo tempo levará a que o Estado, que foi privatizado – tentar dizer que o Estado não está privatizado é uma doídice, o Estado foi privatizado hoje mais do que na era Vargas. Na era Vargas o Estado tomava conta da siderurgia, hoje ele decide que fundo de pensão deve se aliar a que industrial, para tomar conta da siderurgia, ou tomar conta da Vale do Rio Doce, ou tomar conta do que seja, quer dizer, nós privatizamos o Estado, dissemos que vamos respeitar as leis do mercado, e ao mesmo tempo começamos a inverter o sentido do direito. Isso me parece extremamente grave. Será possível encontrar nos arquivos dos jornais uma série de medidas provisórias (e as medidas provisórias são a expressão, a clarificação de um governo de um homem só, o governo faz o que quer com a medida provisória), mas será possível encontrar nos jornais uma medida provisória não muito antiga, invertendo o ônus da prova, isto é, se Francisco de Oliveira me acusar de agiotagem, eu terei que provar que o meu sapato não foi comprado com os juros altos que eu cobre dele, eu é que tenho que provar, não ele que me acusa. Isto está consagrado no direito brasileiro, nós estamos invertendo o ônus da prova e estamos criando portanto uma sociedade em que o Estado está de um lado e a sociedade do outro, o Estado não tem mais nenhuma ligação a não ser a ligação, digamos assim, dos grandes interesses, o Estado abandonou a trilha da pesquisa científica, o Estado não é mais capaz de garantir nem a primeira lei da natureza de Hopes, ou seja, garantir a nossa existência. O Fran-



cisco de Oliveira falou delicadamente, mas a verdade a gente deve dizer com toda a clareza: se as coisas continuarem como estão – e nada indica que mudarão, nós teremos o surgimento de diversos estados anticonstitucionais, nós voltaremos, com toda nossa civilização, com todo nosso progresso material, para uma posição política da Idade Média, e cada um de nós, um dia, irá procurar alguém ligado a uma organização privada, criminosa, para que nos defenda ou em nossa residência, ou em nosso trabalho, ou em nosso trajeto.

Eu transponho esta imagem de feudalismo para o plano internacional e diria que a megapotência, hoje, exerce a mesma função que os reis, na ascensão do Estado moderno, passaram a exercer sobre os grandes barões. O Brasil hoje é um grande barão, mas é vassalo de um suserano. O suserano não vai fazer absolutamente nada com o Brasil, quer dizer, não vamos perder tempo dizendo que os Estados Unidos têm interesse em ocupar fisicamente a Amazônia. Não têm. A Amazônia já foi ocupada no que tinha que ser ocupada, e a biodiversidade, ao longo dos anos. Os Estados Unidos não farão isso. Mas o Brasil deverá, enquanto vassalo, cumprir as obrigações do pacto feudal; ele deverá de quando em quando ceder tropas para integrar as forças de paz sob a égide da ONU, financiar essas operações, porque o senhor feudal

não vai financiá-las, como não as tem financiado. A isto nós devemos acrescentar uma coisa que seguramente explodirá nos próximos dois anos, que é a situação das fronteiras, basicamente a situação da Colômbia. A Colômbia, que está distante, muito distante, nós não sabemos onde é a Amazônia, sabemos que tem Manaus, Zona Franca, mas a Colômbia ninguém sabe onde é. O meu medo é que um dia a guerrilha colombiana faça do território brasileiro um santuário, quer dizer, ela atravessa a fronteira – não tem nenhuma cerca marcando a fronteira – e se estabelece aqui para bivacar, e voltar. Nesse momento o Brasil realmente terá chegado à situação de um Estado feudal.

Marcello Rollemberg: Eu queria agradecer ao professor Oliveiros Ferreira pelas suas colocações e logo a seguir nós iremos para a segunda parte deste encontro para, aí sim, abrir, não um debate, mas um bate-papo mais acalorado sobre tudo que foi conversado aqui e o que há de perspectiva de fato para o Brasil nesse próximo milênio, nessa década que se aproxima, e tentar aqui traçar algum tipo de solução, algum tipo de idéia, posto que também esta é a função da universidade, pensar idéias, pensar soluções para os problemas não unicamente da universidade, mas da sociedade brasileira como um todo.

Marcello Rolleberg: Na continuidade do nosso encontro Projeto Brasil: Alternativas para o Século XXI, eu queria dizer que parece que há um certo pessimismo no ar, pessimismo não por conta dos nossos convidados mas pela situação atual do país. Nesse sentido, eu pergunto ao professor Oliveiros Ferreira se é realmente apocalíptica essa visão, se é exagerada ou se, no caso de nada ser feito rapidamente, a tendência é esse “apocalipse now” mesmo.

Ana Mae Barbosa: É o caos.

Oliveiros S. Ferreira: Acho que de quando em quando devemos voltar à nossa formação cristã. Quando Deus quer perder os tolos, primeiro tira-lhes a razão. Eu hoje ouvia num programa de rádio de grande audiência alguém comentando a situação da economia: a economia brasileira está bem, a inflação está caindo, o problema é lá fora, é o petróleo, é a Argentina [risos]. Quer dizer, nós estamos vivendo um mundo de fantasia e, com raras exceções, a mídia vive num mundo de fantasia, está tudo bem dentro do Brasil, só que lá fora, do que dependemos, a coisa é muito instável. Veja, o pessimismo não é meu, eu sou de tendência pessimista [risos], mas me diga: que saída a gente pode ter? Há dias eu participava de uma reunião em que a grande questão era defender a causa nacional, defender a soberania, e de repente me veio à cabeça a seguinte idéia: se o capital financeiro está, como diziam, 25% em mãos dos estrangeiros, se os estrangeiros estão tomando conta disso, daquilo, daquilo outro, a única solução é fazer uma revolução. Agora, depois que nós fizemos a revolução, como é que a OMC vai fazer? Ela vai autorizar todo mundo a nos retaliar? [risos]. O grave, ao meu ver, é que nós cientistas sociais – você me desculpe se te incluo nessa categoria, nessa culpa, você me desculpe se te incluo na culpa, Chico – nós cientistas sociais esquecemos que existe o movimento social, nós não falamos mais em movimento social. O MST não é movimento social, o MST é... o MST, o MST contra Fernando Henrique, não é movimento social, quer dizer, as centrais sindicais não representam mais movimento social, elas se integraram no sistema. O ex-presidente de uma que é deputado, o presidente de outra que se candidatou, eu não sei se foi eleito ou não. Elas se integraram no sistema, e lutar por salário não é destruir o sistema, pelo contrário, é estar dentro do sistema. Nós não temos quem se oponha ao sistema.



Marcello Rollemberg: Mesmo essa oposição que se coloca, uma oposição política, ela faz parte, ela está integrada ao sistema?

Oliveiros S. Ferreira: Ela está integrada ao sistema, é só você olhar para trás: o MDB existiu como oposição porque o presidente Castelo Branco pediu ao general Oscar Pasos, que era senador, que fosse para o MDB para poder dar número [risos].

Marcello Rollemberg: Dar quórum.

Oliveiros S. Ferreira: Dar número para constituir, aí ele foi e foi eleito presidente.

Ana Mae Barbosa: Olha, como eu sou otimista...

Marcello Rollemberg: Ótimo, vamos ter um contraponto aqui. Então não é tão apocalíptico assim, professora?

Ana Mae Barbosa: Mais ou menos... Eu perguntaria uma coisa. Tudo bem, estou entendendo: no fim, só a falência, a autofalência, a autofagia do sistema é que vai então fazer possível surgir algo novo, mas, como sou otimista, ainda penso que, se as minorias tivessem consciência de que juntas elas são a maioria, algo se modificaria... as mulheres, o movimento feminista...

Oliveiros S. Ferreira: Perdão, as mulheres são maioria [risos].

Ana Mae Barbosa: Mas nós somos maioria em número, não no poder. Está muito longe de nós sermos, no poder, iguais aos homens. Está muito longe ainda. Mulheres e gays, índios e negros. Nos Estados Uni-

dos, as minorias negras, as minorias indígenas se reuniram e foram lá para Seattle e fizeram um carnaval e impediram alguma coisa.

Oliveiros S. Ferreira: Perdão, impediram o quê? Impediram meia dúzia de indivíduos bem vestidos... [risos].

Ana Mae Barbosa: Acho que impediram pelo menos o bem-estar dos que estavam lá naquele momento [risos].

Oliveiros S. Ferreira: Veja, todo o otimismo dela se baseia num "se".

Ana Mae Barbosa: É, num "se", é verdade, os otimistas são assim [risos], eu tenho consciência disso.

Marcello Rollemberg: Mas não é o caso...

Ana Mae Barbosa: O meu otimismo é até um remédio para a sobrevivência mental...

Marcello Rollemberg: Para não cair em depressão, não é?

Ana Mae Barbosa: Exatamente.

Marcello Rollemberg: Para não cair em profunda depressão com tudo que está aí, não é?

Ana Mae Barbosa: É verdade.

Marcello Rollemberg: De repente, esse "se" que o senhor está colocando e que as minorias nos Estados Unidos...

Ana Mae Barbosa: Não, sou eu que estou colocando, ele não bota "se" em lugar nenhum [risos].



Marcello Rollemberg: Mas tudo isso é uma questão de cidadania também, e no momento em que nós temos, como o professor Oliveiros colocou, o divórcio da sociedade com o Estado, você acaba não tendo essa visão de cidadania, então você não tem nem como ter essa postura de se reunir às minorias para se formar uma maioria. O que o senhor acha disso professor Francisco?

Francisco de Oliveira: Acho que há coisas novas surgindo mas em escala microscópica. Nós das ciências sociais, pelo menos das ciências sociais – eu vi, pela fala do Reinach, que nas ciências exatas estão bem armados [risos], já vão conhecer tudo aquilo que compõem...

Ana Mae Barbosa: Bem armados, mas sem esperanças.

Francisco de Oliveira: Sem esperança de verba [risos]. Mas na área das humanas deve estar se passando um processo que dificulta até formular a questão.

Oliveiros S. Ferreira: Concordo com você. Neste sentido eu diria que você está assistindo à eclosão de diferentes movimentos, que nós podemos chamar de erupção molecular, num país de oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados, no qual nós não sabemos o que está acontecendo no Maranhão. O Projeto Genoma nós ficamos conhecendo no dia em que disseram que estava pronto. É possível que um dia apareça alguém, um caudilho, ou até um partido, com que essas moléculas se identifiquem, mas aí você vai para o choque.

Francisco de Oliveira: Acho exatamente isso, que está se acumulando um tempo em que só se resolve no choque.

Marcello Rollemberg: O senhor acha que a tendência é essa? Não há uma perspectiva de naturalmente se evitar isso?

Oliveiros S. Ferreira: Não, porque voscê não tem nenhum partido fora do sistema. O PT se integrou ao sistema, e questiona o sistema como alternativa.

Ana Mae Barbosa: Mas Oliveiros, partido já é sistema.

Oliveiros S. Ferreira: Pois é [risos]. Nós não temos uma organização que questione. O partido social democrata russo não era sistema? Questionava o sistema, não fez a revolução. Mas o partido bolchevique era um partido.

Marcello Rollemberg: No momento em que vocês colocam um partido, se está dentro do sistema...

Oliveiros S. Ferreira: Se o partido se preocupa em eleger deputado, senador, prefeito, e coisa e tal, legitimou-se.

Marcello Rollemberg: O próprio sistema.

Oliveiros S. Ferreira: Por exemplo, eu ouvia um alto funcionário brasileiro em Buenos Aires, em 1973-74, estabelecer a diferença entre o sistema brasileiro, em 73, e o sistema argentino. Já tinha começado a fase da guerra suja. Nós brasileiros fomos mais inteligentes, nós deixamos os partidos e as eleições, os argentinos fecharam tudo [risos]. Na hora que em 74 o MDB faz maioria no Senado, na hora que em 76 o MDB faz a maioria nas capitais, por que ele vai querer desmontar o sistema? O sistema caiu por si. Como se diz na física, não tinha mais momento para prosseguir. Nós três somos responsáveis pela falência do estado de São Paulo.

Marcello Rollemberg: De que forma exatamente?

Ana Mae Barbosa: Explica para mim, porque já me sinto culpada.

Oliveiros S. Ferreira: Por que nós três somos aposentados [risos], e o estado de São Paulo vai à falência por causa dos aposentados, está dito isto todos os dias [risos], e ainda bem que o Supremo considerou inconstitucional uma medida provisória, pelo contrário, iam arrecadar mais 11% ou 12%.

Marcello Rollemberg: Talvez seja essa mania do Estado brasileiro ou até do brasileiro, de uma forma geral, de colocar a culpa no outro, não assumir a sua responsabilidade, sua parcela.

Ana Mae Barbosa: Exato.

Oliveiros S. Ferreira: Agora, coletivamente, é o funcionário. Nós todos nos recordamos da Maria Candelária que caiu da letra O, caiu de pára-quedas da letra O.

Ana Mae Barbosa: Na educação o problema é esse, em geral o diretor põe a culpa no professor, o professor põe a culpa no aluno, então o aluno é que é culpado porque não aprende. É curioso, porque em educação está se mostrando um mapa curioso no Brasil que é o fato de as grandes coisas que estão acontecendo serem iniciativas pessoais e às vezes iniciativas pessoais em comunidades pobres, de gente pobre, sem nenhum professor universitário que vai para lá e que vai fazer alguma coisa. Não é isso. É dentro daquela comunidade. Tem um exemplo magnífico que eu vejo lá em Recife. Recife está cheio de movimentos comunitários voltados para a educação, para a criança, para o adolescente. Um deles é um grupo magnífico de dança, e que hoje é profissional de dança, chama-se Majemolê, de dança africana. Foi um dançarino negro, da comunidade, que teve um problema com a perna, não pôde mais dançar profissionalmente, e vendo a situação daquela criança ali, uns entrando em droga, outros lutando para não entrar, etc., que resolveu fazer esse grupo de dança. Eu então perguntei muito ingenuamente, para ele, no dia em que eles se apresentaram lá no Recife: “Me diga

uma coisa, você tem ajuda de alguma fundação, aqui no Brasil?”. Ele disse: “Não, eu até estou com muita dificuldade, porque os meninos vão para o ensaio e ficam com fome, e eu não tenho dinheiro para dar comida para todos eles, eu queria pelo menos conseguir verba para dar lanche a todos eles no dia do ensaio”. Eu disse: “Você procurou tal, tal e tal fundação?”. Ele disse: “Procurei e a resposta é essa: nós só apoiamos projetos que possam se autofinanciar em pouco tempo”. Então como é que fica? É o neoliberalismo das fundações de ajuda à comunidade.

Oliveiros S. Ferreira: Não é o neoliberalismo, pelo contrário, é a mentalidade capitalista das fundações [risos]. Dinheiro tem que render.

Marcello Rollemberg: Talvez o capitalismo mais claro.

Oliveiros S. Ferreira: Mais explícito.

Ana Mae Barbosa: Há projetos comunitários que não vão poder nunca se auto-sustentar, e dependem de pouco dinheiro. Isso é que é perverso: eles dependem de pouco dinheiro para sobreviver. Esses projetos garantem a integridade muitas vezes de grande número de jovens, a possibilidade de se sentirem pessoas, de se sentirem elementos que funcionam na sociedade, e são projetos, então, que não têm apoio.

Marcello Rollemberg: A senhora pensa de que maneira poderia se reverter esse quadro? Há uma solução a curto e a médio prazo para isso?

Ana Mae Barbosa: Não vejo muito solução a curto e médio prazo a não ser...

Oliveiros S. Ferreira: O pessimista sou eu! [risos].

Ana Mae Barbosa: É novamente isso, o trabalho insano de uns... Por exemplo, eu estou agora com um grupo aqui na ECA trabalhando muito para o professor. Nós

estamos dando curso, mas curso de arte, não essa história da arte, por exemplo, baseada nos “ismos”, meramente uma coisa diacrônica, com datas e etc., mas a tentativa de entender o mundo através da representação visual da história da arte, e entender hoje, o contexto da arte hoje, porque procurando entender o contexto da arte hoje você está estudando a sociedade de hoje, que está aí. E nós estamos fazendo isso. Inclusive tem muita gente que está estudando conosco para trabalhar nessas ONGs, às vezes nem são ONGs, nem se constituem como ONGs, são atividades pessoais. Tem gente estudando conosco que pessoalmente junta um grupo de crianças e vai lá agir, vai tentar recuperar um pouco o que há de humano no ser humano através da arte.

Marcello Rollemberg: Mas professora, aí nós não caímos na situação em que se conversa muito, fala-se muito do resgate da cidadania? Mas a cidadania é toda uma sociedade, é um todo, e se você começa a ter espasmos individuais...

Ana Mae Barbosa: Mas nós estamos condenados ao espasmo individual, porque inclusive eu tenho um certo medo dessa cidadania de que está se falando muito dentro da educação.

Marcello Rollemberg: Por que, professora?

Ana Mae Barbosa: Porque, na realidade, o que está se querendo é criar cidadãos muito obedientes às leis do Estado [risos].

Marcello Rollemberg: Então na verdade é um “sim, senhor”.

Ana Mae Barbosa: É isso que eu vejo, é um “sim, senhor”. Michael Apple, que é um grande teórico americano da educação, lembra isso. A palavra conscientização foi riscada do mapa da educação, riscada do linguajar da educação, para não se remeter à figura, que para mim foi o maior educador deste país, de Paulo Freire. Os tais dos parâmetros curriculares não têm a palavra

conscientização porque eles pretenderam des-historicizar a educação brasileira, para apresentar os parâmetros como algo novo, algo que é dado aos professores – veja como pensamos em vocês, estamos doando a vocês um saber todo novo, etc. –, e com isso se esqueceu a grande luta que foi, desde a Escola Nova, que aliás é muito maltratada no Brasil. Outro dia eu estava lendo uma tese em que a moça dizia: “a Escola Nova faliu, falhou porque os instrumentos de avaliação eram muito tecnicistas”. Falhou porque teve o Estado Novo, não foi porque teve instrumento tecnicista da educação; veio o Estado Novo e acabou com a euforia educacional da década de 30. Até a palavra educador naquela época era sinônimo de comunista. Anísio Teixeira – que faz cem anos de nascimento neste ano – foi obrigado a se exilar na Amazônia, porque a palavra educador significava comunista e os comunistas eram os perseguidos da época. Cada época tem os seus perseguidos.

Oliveiros S. Ferreira: Se você me permitir, retomando uma parte de sua pergunta a ela...

Marcello Rollemberg: Por favor.

Oliveiros S. Ferreira: Você veja, um dos problemas institucionais mais graves que o país tem são as medidas provisórias. São as medidas provisórias que, a cada reedição, você está violando, não é violentando, você está violando a Constituição, porque é o Congresso que deve decidir sobre os efeitos jurídicos das medidas provisórias desde a sua edição. Como o Congresso não decide, o presidente coloca o artigo, ficam convalidados os efeitos jurídicos. Com isso o Congresso, que grita “precisamos acabar com as medidas provisórias”, fica quieto. O projeto aprovado no Senado está dormindo na Câmara.

Marcello Rollemberg: Posso talvez estar falando uma grande bobagem, mas essas MPs não seriam um eufemismo, num Estado democrático, para um ato institucional?

Oliveiros S. Ferreira: Veja, ainda vão brigar muito porque o decreto-lei dos atos institucionais do Estado Novo tinha a amplitude das medidas provisórias. Em primeiro lugar o decreto-lei era limitado. Você só podia baixar decreto-lei para finanças, segurança e funcionalismo. Mandava ao Congresso, se o Congresso não aprovasse em 60 dias, ele estava automaticamente aprovado, se o Congresso rejeitasse, os efeitos jurídicos produzidos desde a edição continuariam vigorando. Quer dizer, você tinha segurança jurídica, hoje ninguém tem segurança jurídica, porque, inclusive, quando você reeditar a medida provisória número 25 e lhe der o número de 2450, você vai acrescentar um artigo que não tem nada a ver com o *caput*.

Francisco de Oliveira: Acho que este é um exemplo que está aí na superfície da institucionalidade política e uma mostra do que está mais por baixo, que sustenta esse *ad hoc* permanente, a incapacidade estatal. No começo do ano, o governo previa um superávit comercial de 5 bilhões de dólares; o tempo foi se aproximando, o governo reviu a projeção para 2 bilhões de dólares; mais perto de nós, mais cautelosamente, o governo achou que dava ainda para contar com 500 milhões de dólares; numa escala de um para dez, as últimas notícias são de que, provavelmente, teremos dez. Isto mostra que...

Marcello Rollemberg: É um improviso completo.

Francisco de Oliveira: E isto é naquele sentido no qual o Oliveiros se referia, em que a imprensa, a mídia total, a eletrônica, a televisiva, e tal, diz o seguinte, para tomar a famosa piada do cachorro e do rabo: não é o cachorro que balança o rabo mas o rabo que balança o cachorro [risos]. E é o rabo que balança o cachorro porque de fato o Brasil não tem territorialidade contestada mas esta soberania é inócua, porque ela não vale nada. Nada é contestado mas você perdeu inteiramente o sentido da subordinação hoje, ou, para usar aquilo que saiu da

própria lavra do Fernando Henrique, o sentido da dependência é mais radical hoje do que nunca foi.

Ana Mae Barbosa: Ah! Também concordo com isso completamente.

Oliveiros S. Ferreira: E o pior é que é aceito, é dado como inevitável.

Ana Mae Barbosa: E é celebrado, eu não aceito, mas é celebrado.

Francisco de Oliveira: E toda vez que você admite as palavras inevitável, inapelável, irretorquível, esse sufixo indica uma coisa muito próxima a fascismo.

Ana Mae Barbosa: Em educação é óbvia a dependência total aos Estados Unidos e à Espanha.

Francisco de Oliveira: A inevitabilidade... Qual era o lema do Collor, por exemplo? O lema do Collor era muito parecido com o do Pedro Malan, o lema do Collor era “vencer ou vencer”, quer dizer, você não dá direito a uma sociedade ou a pessoas de errar. É como se diz hoje: “não há alternativa”. Como não há alternativa?

Marcello Rollemberg: Tem que haver.

Ana Mae Barbosa: Tem que haver.

Francisco de Oliveira: Tem porque há alternativas, o problema é que...

Oliveiros S. Ferreira: Alternativa tem custo.

Francisco de Oliveira: Tem custos.



Ana Mae Barbosa: E quem vai pagar?

Francisco de Oliveira: Tem riscos.

Oliveiros S. Ferreira: Precisa atores, que imponham o custo.

Marcello Rollemberg: E que acreditem nessas alternativas, senão você não vai. Acho que o problema maior que nós estamos vivendo hoje é que ninguém quer correr riscos, numa forma geral, e não tem quem acredite. Quem pode acreditar não está acreditando e aí caímos no que o professor Oliveiros falou, quer dizer, entra-se no sistema sem questioná-lo.

Oliveiros S. Ferreira: Agora, ele pronunciou uma palavra fatídica, e eu gostaria de saber como é que, digamos assim, desta melê, vosmecê tira o fascismo?

Francisco de Oliveira: De onde eu tiro? É um fascismo de...

Oliveiros S. Ferreira: É um novo fascismo, é um neofascismo [risos].

Marcello Rollemberg: Não é um neoliberalismo, então?

Francisco de Oliveira: É um neofascismo porque ele é uma espécie de estigma da superfluidade, é tudo supérfluo, é tudo temporário, logo, portanto, isto só pode existir a partir do... eu nem sei como se pronuncia porque... nunca aprendi alemão.

Oliveiros S. Ferreira: *Reich Führer!* [risos].

Francisco de Oliveira: É, só funciona a partir do *Reich Führer*.

Oliveiros S. Ferreira: Mas o *Reich Führer* já está vigorando, meu caro?

Francisco de Oliveira: Já está.

Oliveiros S. Ferreira: É um pensamento único! O *Reich Führer* já está vigorando.

Marcello Rollemberg: A coisa é muito mais apocalíptica do que nós estávamos imaginando.

Oliveiros S. Ferreira: Não é apocalíptica, é o que está aí.

Marcello Rollemberg: Mas é de uma seriedade... É que nós chegamos a um ponto...

Oliveiros S. Ferreira: É uma coisa extremamente séria. Ele não sabia pronunciar, eu pronunciei. Eu disse ao presidente uma vez: "Presidente, eu estava numa reunião de intelectuais, se discutia uma coisa qualquer e, de repente, eu estou sentindo o clima, que todo mundo está pensando no *Reich Führer*". Ele deu uma risada assim contrariado: "O que você quer dizer?". Não é bem você contrariar as linhas gerais de um sistema.

Marcello Rollemberg: Mudando um pouco de *Reich Führer* para o antigo comunismo, é quase o Guia Monumental dos Povos.

Oliveiros S. Ferreira: É o guia monumental de todos os povos.

Francisco de Oliveira: É uma outra versão.

Marcello Rollemberg: É uma outra versão, quer dizer, continua a figura paternalista.



Oliveiros S. Ferreira: Não! Ah, se fosse o imperador, seria ótimo, mas não é paternalismo não.

Francisco de Oliveira: É muito mais sério.

Ana Mae Barbosa: É muito mais engendrado o negócio.

Marcello Rollemberg: Mais disfarçado...

Oliveiros S. Ferreira: Eu diria que se realmente se estruturar este fenômeno que ele qualificou agora, se este fenômeno se estruturar, ele vai se estruturar naquilo que um sociólogo chamaria de coerção social para afastar os inconvenientes. Quer dizer, ninguém vai bater na cara de ninguém, só que ninguém vai falar no teu nome [risos].

Marcello Rollemberg: Você não é agredido, você é esquecido.

Oliveiros S. Ferreira: Você é esquecido.

Ana Mae Barbosa: Passa a borracha.

Marcello Rollemberg: Você é renegado, o que é muito mais sério, você cai num completo ostracismo.

Oliveiros S. Ferreira: Ostracismo total.

Francisco de Oliveira: É um fascismo societal.

Oliveiros S. Ferreira: Exatamente.

Francisco de Oliveira: Porque vem das bases.

Ana Mae Barbosa: Isso já está acontecendo.

Francisco de Oliveira: É preciso perguntar seriamente por essa coisa na sociedade moderna, e no Brasil especialmente.

Marcello Rollemberg: Isso não é um aspecto exclusivamente brasileiro, não é?

Francisco de Oliveira: Não, mas você tem, na história ocidental – também não fazemos tábula rasa –, aquilo que a gente poderia chamar, com o apoio da geologia, de uma longa sedimentação que é difícil destruir, e essa sedimentação foi muito reforçada depois da vitória sobre o fascismo. Há camadas arqueológicas muito sólidas, em toda a Inglaterra, que teve o programa neoliberal mais pesado. Na verdade a reforma da Thatcher tocou muito pouco no chamado Estado do bem-estar, quase não tocou a não ser no capítulo das privatizações. E por quê? Porque a sociedade quer aquilo, não é só por inércia não, ela quer aquilo. Então, apesar de haver sintomas, toda uma sintomatologia, resistem muito mais. A nossa sociedade resiste pouco, porque... inclusive é o tema que toca muito a Ana porque ela está sendo culturalmente avassalada.

Ana Mae Barbosa: Exatamente.

Oliveiros S. Ferreira: Eu não ouço mais música brasileira no rádio.

Francisco de Oliveira: Você não tem mais como elaborar tua referência para resistir.

Oliveiros S. Ferreira: É só música americana, e a pior!

Marcello Rollemberg: Pode então ouvir a Rádio USP [risos].

Ana Mae Barbosa: Passe a ouvir só a Rádio USP.

Francisco de Oliveira: Isso tem um efeito que é muito forte no Brasil. Como comentávamos no intervalo deste nosso encontro, com o Oliveiros e com a Ana, nós estamos passando de um catolicismo ultramontano para um calvinismo à enésima potência.

Marcello Rollemberg: E como se dá a mutação dessa forma, professor?

Francisco de Oliveira: Aí devemos voltar

ao velho estruturalismo histórico, para o qual eu peço licença, porque senão vou parecer um dinossauro [risos].

Marcello Rollemberg: Tem toda a liberdade.

Francisco de Oliveira: Mas conto aqui com a solidariedade do Oliveiros, que sempre foi...

Ana Mae Barbosa: Sempre foi flexível.

Francisco de Oliveira: Você tem o chamado desenvolvimento de forças produtivas, que é fantástico, é avassalador. Veja bem, nós sequer alfabetizamos, sequer chegamos a alfabetizar completamente a sociedade brasileira e passamos imediatamente para o...

Oliveiros S. Ferreira: Computador...

Marcello Rollemberg: Internet...

Francisco de Oliveira: E para o novo analfabetismo. Isso é renovável...

Marcello Rollemberg: Sem termos vendido o antigo. Quer dizer, então nós temos neo-analfabetos também.

Francisco de Oliveira: Temos! Há uma descartabilidade...

Oliveiros S. Ferreira: O pior dessa situação que ele está descrevendo, e aí realmente dá fascismo, é que apenas alguns formados nas melhores universidades americanas é que vão nos governar, porque são os que sabem fazer as contas públicas, sabem fazer alguns esquemas gerenciais para o setor público, e farão as leis para nós.

Marcello Rollemberg: Mas é quase xamânico! Você tem o xamã que guia, quer dizer, continuamos na taba, se parar para pensar.

Ana Mae Barbosa: A educação já está.

Francisco de Oliveira: O trágico da

história é que o xamã é postiço e de alguma maneira ele é quase irrecorrivelmente compelido a fazer isso. É trágica a situação de quem está no poder no Brasil.

Oliveiros S. Ferreira: Veja bem, toda a crítica que eu fiz ao governo de um homem só... O presidente não tem alternativa a não ser violar a Constituição porque o Congresso não cumpre o seu papel. Se ele quiser manter alguma ordem jurídica no país, ele tem que violentar a Constituição. Aí sou obrigado a voltar ao general Goes Monteiro: é preciso que haja lei para dizer que não há lei [risos]. Essa lei não existe lá, é uma lei que a gente viola todo dia. É uma coisa impressionante!

Francisco de Oliveira: Irrecorrivelmente, compulsivamente. A tragédia maior é essa.

Ana Mae Barbosa: No setor da educação é mais ou menos isso que vocês estão falando. Por exemplo, no que se refere a esses currículos nacionais, nós estamos agora na órbita de dois países, os Estados Unidos, que a gente já estava, mais outro, que é a Espanha.

Francisco de Oliveira: Quer dizer, se posso te interromper, nós estamos entre Torquemada e o mercado [risos].

Ana Mae Barbosa: E o mercado, exato.

Marcello Rollemberg: O que é assustador, não é?

Ana Mae Barbosa: Outra coisa que acho assim também meio perversa é a idéia da avaliação por número. Por exemplo, o Brasil, para sair do mesmo estágio do Haiti em educação, tem que mostrar que há um percentual muito grande de ingressos na universidade. Criam-se, então, uns cursos de graduação curtos, não sei se vocês estão sabendo disso, são os chamados cursos sequenciais e que podem ser feitos em até um ano e meio. Aí você sai com a graduação que lhe permite fazer depois uma especialização e, portanto, até ensinar na uni-

versidade, porque especialização é o mínimo que se pede para entrar na universidade. Não permitem, entretanto, que você faça mestrado e doutorado, porém você pode depois complementar no futuro, estudar mais um pouquinho e tirar a graduação comum, normal, como todo mundo. Agora, veja bem, duplica o ingresso na universidade, barateia e duplica, e quem está fazendo principalmente isso é a universidade privada. Existem números enormes de cursos seqüenciais; há universidades, por exemplo, que têm quase o dobro de cursos seqüenciais em relação aos cursos de graduação, e isso vai aumentar muito o percentual de ingressos na universidade brasileira.

Francisco de Oliveira: É o genoma da educação.

Marcello Rollemberg: Como reverter isso, professora? A senhora vê como?

Ana Mae Barbosa: Não tenho a mínima idéia, adoraria ter uma solução, por enquanto estou sofrendo, mas solução é um pouco difícil. Agora, para a educação eu sei que tem. A única é a formação contínua de professores, é investimento em formação contínua de professores em duplo sentido, porque agora está na moda só se investir na formação de professores, ou atualização dos professores, mas só dentro da sala de aula, da sua escola. Por quê? Porque se dizia o seguinte: o professor sai da escola e vai fazer um curso fora, numa universidade, e quando ele volta, ele volta cheio de idéias, e os outros, que ficaram na mesma, vão aplacando seu desejo de mudança, entendeu? E ele vai ficar insatisfeito porque não pôde mudar nada. Então, para que isso não aconteça, a idéia é a formação em serviço. Está certo: formação em serviço sim, mas o problema é que a formação em serviço não tira o professor daquele seu circuito fechado. Acho que tem que haver uma combinatória, formação permanente e combinatória, formação em serviço e apoio ao professor que tiver desejo de ampliar seus conhecimentos, propiciar tempo para que ele se aprofunde nos seus conhecimentos, pagar cursos, se eles forem

pagos, para que ele faça cursos fora da escola também. Eu acho que as duas vias têm que se encontrar.

Francisco de Oliveira: Educação na era da reprodutividade técnica. Você tem as universidades privadas, pelo menos as que eu conheço, em São Paulo, as que eu já vi, já visitei, algumas delas têm todas as grifes que estão nos grandes *shoppings*. Você entra no pátio de uma dessas grandes universidades privadas e na área da alimentação estão todas as grifes. Agora, quanto às bibliotecas, quando a Capes faz uma avaliação, não sei se anualmente, mas periodicamente...

Ana Mae Barbosa: De cinco em cinco anos.

Francisco de Oliveira: De cinco em cinco anos faz uma avaliação. Então muitas dessas universidades privadas alugam bibliotecas para enganar os avaliadores da Capes. Quando eles saem no caminho do aeroporto, chega o caminhão da Lusitana – pelo menos era a que eu conhecia no tempo em que eu me mudava – para retirar os livros que foram alugados.

Marcello Rollemberg: Levar tudo embora de volta.

Oliveiros S. Ferreira: Eu tenho uma história de um avaliador que chegou, viu a biblioteca instalada e disse: “Olha, para eu poder dar nota necessária para a biblioteca, por favor, carimbe todos os livros...” [risos].

Marcello Rollemberg: Bom, infelizmente o nosso tempo já se esgotou. É aquela história de que tudo o que é bom dura pouco. Quando a gente está se divertindo o tempo passa muito rápido. Então, queria agradecer ao professor Oliveiros Ferreira, à professora Ana Mae Barbosa, ao professor Francisco de Oliveira, e ao professor Fernando Reinach, que teve que nos deixar mais cedo, por essa conversa e essa perspectiva, enfim, por essa reflexão. E esse encontro exatamente queria isso, poder refletir o que vai ser o Brasil.